OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1042

10 DE DEZEMBRO DE 1907

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

JOSEPHE GALTIER

S. M. EL-REI D. CARLOS NA ENTREVISTA COM MR. GALTIER REDATOR DO «TEMPS», NA CIDADELA DE CASCAES

(De L'Illustration)

Chronica Occidental

Um d'estes dias, abrindo o *Seculo*, vi um retrato de pessoa que não me era extranha, e logo o nome um pouco acima: *Herminia Adelaide*. Era a Herminia dos *Trez Dragões*, a que depois tão bem desempenhou e com tanta alegria um dos primeiros papeis da *Sr.ª Angot*. Estreou-se no Theatro da Trindade, dizia o artigo, fez agora 33 annos. Estive lá n'essa noite, lembra-me perfeitamente d'ella muito bonita e do Queiroz muito engraçado.

Como o tempo passa! que é como se dissesse: como estou velho!

A Herminia foi para o Brazil, e parece que se deu por lá perfeitamente. Levava comsigo bons elementos, mocidade, talento, vivacidade, alegria e uma das melhores vozes que se tenham ouvido em theatro portuguez.

Ainda então me não dera a mania dos palcos e nunca a conheci pessoalmente; mas, agora que ella regressou a Portugal, gostaria de tornar a vel-a, muito estimando que não lhe tenham feito differença, em todos as suas qualidades, os annos que tão differente me fizeram e a tantas de nossas coisas.

Não sei se a notavel actriz, durante este praso todo, alguma vez voltou ao lindo torrão natal; mas se não o fez, que novidades grandes vae por aqui encontrar! Começará por desconhecer a cidade com tantas avenidas novas e bairros novos e os electricos e até as ruas da Baixa desmanchadas em sua symetria por edificios novos. Chegará a muitos pontos e não será capaz de restabelecer na memoria a antiga planta · o Largo de Camões com a estação dos caminhos de ferro, a rua do Principe, o antigo Passeio Publico destruido, todas estas novidades com que pretendemos maravilhar o estrangeiro e os que por muitos annos andaram expatriados.

Mas não só isto a tem de espantar; a mudança não estará apenas nas ruas e praças e no movimento da cidade; os homens ha de encontrar tambem transformados. Dos antigos bons politicos bonacheirões, por exemplo, só algum raro exemplar lhe será dado examinar como coisa fossil e curiosa. A paz foi-se, menina. Não vê aquelles falando acolá, em voz baixa, olhando de revez, não esteja algum da secreta a cocar? Estamos assim; de politica fala-se baixinho e quasi nem duas palavras se escrevem.

Então n'esta occasião!. . O *bloco* deu que pensar e até muito se esperava do *blóco*, Reuniram-se regeneradores, reuniram-se progressistas, reuniram-se dissidentes... Conhece a fabula da montanha e do rato? Ha por ahi quem fale n'isso, porque julga vir algum tanto a proposito. Emfim, sempre é bom esperar e quem espera não desespera, apesar do dictado affirmar o contrario.

Os dissidentes queriam que a acção do *blóco* fosse immediata, leal séria e decisiva. Julgando que os partidos monarchicos deviam ser mais radicaes nas suas affirmações e compromissos, são de opinião que os effeitos da colligação nenhum resultado podem dar e de modo nenhum podem influir no futuro da politica e da vida da nacionalidade. Rompendo o *blóco*, justificou-o com as seguintes palavras:

«Verificado, pois, que nem ao menos nos simples principios d'uma *moção* politica, alguns dos quaes são fundamentaes, póde conseguir-se o accôrdo entre os dois antigos partidos, e muito menos entre elles e a dissidencia progressista: constatada a absoluta inefficacia d'uma acção commum que, nos ultimos mezes, se não traduziu em qualquer acto publico que interessasse a opinião ou lhe inspirasse confiança; reduzida a acção do *blóco* a simples declarações, submettidas aos partidarios nas conferencias com os seus chefes, a que foram agora convocados, a dissidencia progressista entende que, restando do *blóco* simples esperanças de entendidimentos eleitoraes futuros, entre as opposições, a colligação dos partidos já não conseguirá nem sequer o restabelecimento da normalidade constitucional, nem a sua propria rehabilitação no conceito publico, que lhe é inteiramente desfavoravel, principalmente depois de tal insuccesso.»

«N'estes termos julga a dissidencia progressista preferivel, por sua parte, e sem quebra dos seus deveres de deferencia e cordealidade pelos outros partidos com os quaes esteve transitoriamente alliada, dar por finda a sua acção no *blóco*, que nunca foi intensiva porque quasi nulla foi a d'elle, mas que sempre se manteve rigorosamente dentro dos limites de simples execução que entendeu não dever exceder, e em que repetidas vezes se declarou prompta para occupar os pontos mais arriscados ou arrostar com as circumstancias mais difficeis.»

E' uma amostra apenas do que vae por ahi; mas, de quando em quando, por outros motivos a curiosidade se espevita. Compra-se um ou outro jornal, que ainda escapou com vida, mas ás vezes, por hygiene, não diz nada.

A columna que lhe falta na politica concede-a este á gatunagem que anda por toda a cidade desenfreada. E' preciso a maior cautela. Ainda, uma d'estas noites me roubaram no americano uma cigarreirasita de prata, que era um apetite, com um chinez a remar n'um barquinho entre duas cegonhas. Foi-se tudo, chinez, barquinho, cegonhas e tabaco.

Mas ha peor, que não queremos atribuir aos tempos; ha crimes. Alguns inspirou-os a paixão e para esses o perdão é sempre facil. Um antigo soldado quiz matar a amante, mas feriu-a apenas, e em seguida suicidou se. Um verdadeiro desgraçado. Mas o que foi deveras horroroso, foi o que se passou em casa de Jorge Collaço, onde uma criada, rapariga muito nova, para vingar-se da ama que a mandára embora, tentou envenenar-lhe duas filhinhas pequeninas. Uma fera.

Passemos depressa a outro assumpto, e seja elle de verdadeira alegria.

Em 11 ou 12 d'este mez, devem chegar ao Tejo os expedicionarios, que tão brilhantemente se houveram nos combates em Africa contra os cuamatas. Vêm descançar afinal. Acompanha os o destemido commandante capitão Roçadas, que, por distincção vae ser promovido a major. Será, ou pelo menos deverá ser, um dia de festa na cidade. O desembarque deve realisar se no Arsenal de Marinha, pela uma hora da tarde.

Infelizmente, parece que tão cedo não teremos a paz, tão desejada, nas nossas colonias. No dia 6 partiram para Bolama os officiaes que vão commandar a columna contra o gentio rebelde na Guiné.

No Ambriz continuam as operações e um telegramma ha pouco publicado pelo *Seculo* diz que a columna do capitão Astolpho da Costa aprisionou como refens trez sobas e dois macotas grandes do Mossulo, até pagamento do tributo de guerra. A columna seguia para Kimuala, apezar de luctar com difficuldades entre as quaes a falta de agua.

A imprensa estrangeira, que ultimamente tanto se tem occupado das nossas coisas, inauguradas as trapalhadas pelo illustre Civinini das mulheres de bigode, gostavamos de vel-a commentando tambem todos os esforços ultimamente feitos para exaltar o nome portuguez em Africa. O sangue derramado pelos nossos soldados valentissimos devia merecer-lhes duas linhas pelo menos entre as compactas columnas em que se digna tratar das nossas coisas politicas.

E' tão raro ouvir um estrangeiro falar com sympathia da nossa terra, que não podemos deixar de nos referir á curta estada em Lisboa do Principe Luiz Maria Filippe de Orleans, filho dos condes d'Eu e neto do Imperador do Brazil, que disse estimar Portugal como a nação irmã mais velha da sua.

Parente muito proximo da nossa rainha, sr.ª D. Amelia, visto a ausencia d'esta senhora, guardou o mais rigoroso incognito, e, se não visitou El-rei, foi para que não desse alguem alguma interpretação menos justa a esse acto, quando o sr. D. Carlos tenciona muito brevemente visitar o Brazil.

Mostra juizo. Que pena ir-se embora tão cedo .. d'onde ha tão pouco!

João da Camara.

ROSA SÊCA

É hoje uma velhinha creatura,
No outôno da vida, recurvada,
Buscando em cada pedra da calçada
Achar aberta a sua sepultura.

Ah! Mas nenhuma foi assim amada!
Nenhuma assim logrou ter a ventura
De beijos mais ardentes e a doçura
Da mais galante frase namorada!

Nos vint'annos deixava a tentação
Por todos que passava! e hoje assim!
Nem um beijo d'amor, uma caricia!...

Vão-se as flôres da carne como vão
Os soes e as primaveras e, alfim,
D'um grande amor a ultima delicia!

(Do livro *Auroras*, a entrar no prelo)

José Boavida Portugal.

A entrevista de Mr. Galtier com S. M. El-Rei D. Carlos em Cascaes

No ultimo numero de *L'Illustration* encontramos um artigo sob o titulo *La crise portugaise*, em que Mr. Galtier explica minuciosamente a entrevista que nos ultimos dias do mês de outubro teve com S. M. El-Rei D. Carlos na cidadela de Cascaes, em que o monarca fês declarações ao redátor do *Temps* sobre a situação politica de Portugal, as quaes, vae num mês correm mundo, e impressionaram fundamente o país.

Essas declarações constituem, sem duvida, um documento historico de alta importancia e um facto notavel do reinado do Senhor D. Carlos, que não póde deixar de arquivar-se neste repositorio da historia, motivo porque vamos respigar do artigo de Mr. Galtier, os pontos que se nos afiguram mais interessantes.

Assim diz Mr. Galtier na *Illustration*: «Antes de tudo, nem o Rei nem o sr. João Franco me fizeram ir a Lisboa. Foi o dirétor do *Temps* mr. Hébrard que, uma manhan nos meiados de Outubro, me perguntou se eu estava disposto a viajar. Os jornalistas portuguêses no Congresso da Imprensa, em Bordeaux, e especialmente o sr. Magalhães Lima, dirétor do jornal republicano *Vanguarda*, fez notar a Mr. Adrien Hébrard a situação excepcional em que se encontrava Portugal, convidando-o a enviar um dos seus redátores a Lisboa.»

«Alguns dias depois afivelava a minha mala.»

Foi em 27 de Outubro que Mr. Galtier teve uma entrevista com o sr. João Franco, na sua casa de Cascaes e, dois dias depois, com S. M. El-Rei D. Carlos na cidadela.

Do que se passou nessas entrevistas contou Mr. Galtier no *Temps* de 11 de novembro, o que é já tão conhecido do publico, que seria ocioso reéditar agora.

Entretanto transcrevemos aqui as declarações que El-Rei fez a Mr. Galtier e sobre as quaes o redátor do *Temps* dá mais minuciosa explicação no artigo agora publicado na *Illustration*, como adeante verêmos.

«— Sei que visitou já muitas pessoas. Conhece a questão. Verificou decerto que tudo está tranquillo em Lisboa como no país. Só os politicos se agitam e não fazem mal, segundo a minha opinião (accrescenta o Rei, sorrindo). Discute-se muito, faz-se muito barulho com o parlamento. Nos ultimos tempos da sessão legislativa a situação tornara-se impossivel. Era preciso que aquella embrulhada acabasse. Aquillo não podia continuar. Caminhavamos não sei para onde. Foi então que dei ao gabinete os meios de governar. Fala-se em ditadura, mas os outros partidos, os que fazem mais barulho, pediram me tambem a ditadura. Para concedel-a exigi garantias de caracter. Necessitava de uma vontade forte para levar a bom fim as minhas idéas. João Franco foi o homem que eu desejava. Havia muito tempo que punha nelle as minhas vistas. No momento oportuno chamei-o. O que faz a sua força é ter fé em si proprio. A sua inteligencia eguala a sua vontade. E' mais inteligente do que se pensa. Estamos plenamente de acordo. Tem toda a minha confiança. Ao contrario das intenções que me atribuem, desejo mantel-o e estou muito satisfeito com elle.»

«O monarcha, proseguindo, affirmou:»

«— Tudo vae bem e é preciso que isto dure no interesse do país. Faremos eleições no momento oportuno, sem obedecer ás imposições que nos dirigem. Teremos seguramente a maioria do país a aprovar a politica de Franco, restabeleceremos o equilibrio orçamental. Extinguiremos o *deficit*. Em todos os paises, para se fazer a revolução é preciso contar com o exercito: ora o exercito português está submetido á constituição e fiel ao seu Rei. Continuará lealmente ao meu lado. A maior parte dos oficiaes são meus camaradas, servi com elles, conhecem-me, não tenho a minima duvida a respeito da sua dedicação.»

«— Tudo o que fiz e tudo o que faço — continuou o sr. D. Carlos — é no interesse do meu país. Decerto que antes desejaria que me deixassem socegado (o Rei sorri), mas estou no meu posto. Conheço o meu país, conheço o meu taboleiro do jogo eleitoral. Ha dezoito annos que Portugal necessita de tranquilidade. Trabalha e pede que a ordem e a paz sejam salvaguardadas. Conheço — porque vou a toda a parte — que o meu povo está commigo. Quando as eleições nos tiverem dado uma grande maioria a normalidade estará restabelecida. O remedio extraordinario que julguei indispensavel para uma situação extraordinaria não terá mais razão de ser. Nunca esqueci, sequer um instante, quaes os meus deveres para com a corôa e o meu caro país.»

Mr. Galtier conta da seguinte fórma como foi recebido por El-Rei:

«A cidadela em que o rei habita — elle prefere Cascaes a Cintra, residencia favorita da rainha Amelia — é um conjunto de construções mediocres, cercadas de uma muralha macissa, guarnecida de torrinhas que lembram Windsor. Esse palacio de verão, divide-se em compartimentos pouco reaes.

O salão em que me recebeu D. Carlos, é vasto, espaçoso e muito claro. Largas janélas, que enquadram um monumental fogão de madeira entalhada, deixam entrar a jorros o ar e a luz. Apaineladas de madeira clara e faianças forram as paredes. Sobre uma mêsa, uma aguaréla começada atésta os gostos e passatempos do rei. Sua Magestade, que sem duvida, vae para o tiro aos pombos ou para a caça, traz polainas de couro e botas amarélas, uns calções largos, desse verde claro de que gostam no Tyrol, um jaquetão asul marinho, Sobre a camisa de riscas asues, uma manta roxa pregada com um alfinete cravejado de brilhantes. O rei fuma um charuto caro, metade consumido. No fim da entrevista tomou outro cuja ponta curtou com os dentes e acende-o como bom entendedor. Falou-me de pé, protocolarmente — mas com simplicidade amavel e desafogo seguro. Os seus olhos asues são finos e cheios de malicia. D. Carlos produsio-me o efeito de um homen inteligente, falando francamente, conhecendo e amando as questões politicas, e tendo uma coragem sorridente.»

A entrevista durou 20 minutos.

Continua Mr. Galtier:

«No comboio que me condusio a Lisboa, annotei a lapis, *ainda frescas*, as palavras do rei com as expressões mais significativas. Chegado ao hotel, escrevi-as a tinta, precisando as declarações reaes — sabendo que não comporia o meu artigo senão mais tarde.»

«Foram essas notas sem fórma que mostrei ao sr. Franco, algumas horas antes de deixar Lisboa. O presidente do conselho concedeu-me bastante confiança e credito para não me exigir a leitura da entrevista redegida *de miscelania*. Podia obrigar-me a demorar a partida até que tomasse conhecimento do docomento. Estava no seu direito. Não usou d'elle, imagino por consideração com o *Temps* e com o seu redátor. Li-lhe e reli lhe as minhas notas. Não tenho que qualificar a sua ditadura, mas confesso que a sua censura se revelou judiciosa e sagaz. Tudo que riscou ou atenuou atesta que tinha a consciencia nitida do seu papel, ou, se melhor o querem, da sua missão. N'um dado momomento, li-lhe esta frase do rei. «Eu exigia garantias de caracter.»

«— Como, interrompeu o sr. Franco, de caracter? Que significa isso?»

«— Caracter, quer diser a faculdade que assegura o exercicio firme de uma vontade esclarecida, — ou, melhor, a decisão consciente ao abrigo de hesitações. Um homem que tem caracter possue uma personalidade que não enfraquece. Não é uma ventuinha, póde contar-se com elle.

«— Ah! bem, então deixe ficar essa palavra.»

«Não soube explicar esta interrupção senão mais tarde. *Caracter* em português — soube depois — significa probidade, honradês. A frase que impressionou o sr. Franco, fez correr tinta a jorros. Transmetida pelo telegrafo e tradusida em português, foi julgada como injuriosa pelos antigos partidos, pelos antigos ministros a que o rei preferiu o sr. Franco. Agora se vê que o sr. Franco não quiz deixar na bôca do rei um ataque contra os seus inimigos. Só depois de eu o esclarecer e tranquilisar é que elle permetiu que mantivesse a minha frase.»

«Parti de Lisboa para Madrid, no sabado 2 de novembro. No domingo depois do meio dia escrevi o artigo ácêrca do sr. Franco e na segunda feira de manhan redegi a declaração do rei.

Não sou — preciso dizel o — nem franquista, nem «rotativo». Não sirvo a monarquia, nem a ditadura. Sirvo a atualidade.»

São estes os trechos mais importantes do artigo de Mr. Josephe Galtier, e que entendemos dever registar, visto que nos falta o espaço para o transcrever na integra.

RÉJANE

Pela segunda vez póde Lisboa apreciar a grande actriz franceza Gabriela Réjane, no teatro D. Amelia, onde hontem deu sua primeira recita com a *Zázá*, uma das melhores peças do seu escolhido repertorio.

Da Réjane não se poderão exaltar as suas qualidades de artista com adjétivos, diariamente gastos e sovados nas columnas dos jornaes. Réjane é uma artista de reputação universal e, não obstante ir entrando na idade que para muitas é o ócaso das suas glorias, ella triunfa ainda com todo o brilho de uma estrela de primeira grandeza.

De Réjane se póde dizer que abrio os olhos no teatro, pois que seus paes eram empregados no Ambigu e ella, pequenita, ali lhe decorreram os dias de infancia.

Depois, por morte de seu pae, entrou para um colégio, onde sua mãe a queria educar para professora, atenta a inteligencia que a pequena Réju (assim primeiro se chamou) revelava para os estudos. A sua inclinação, porém, era toda para o teatro e não houve dissuadil-a de tal, pois nem os conselhos e instancias de sua mãe, nem as do pro-

REJANE

prio Regnier, professor do Conservatorio de Paris, que tambem a quiz desviar do teatro, a conseguiram a não seguir aquella carreira.

Por fim, Regnier foi o primeiro a concordar com a sua nova discipula, reconhecendo-lhe a dicidida vocação para a cena, que não só passou a dar-lhe lições particulares, independentes das da aula, como se constituio protetor da que elle, já previa vir a ser uma das primeiras actrizes da França.

Apesar de tão bons auspicios, a luta de Réjane foi grande para conquistar o primeiro logar no teatro francês. Tendo realisado a sua estreia em 1875, no palco do Vaudeville, por alguns annos vejetou pelos teatros das Variétés, Aubigu e no do Palais Royal.

Só em 1883, no Odeon, conseguio o seu grande triunfo, no desempenho da *Germinie Lacerteux*, de Goncourt, ficando consagrada artista de primeira grandesa, triunfando em toda a linha, e vindo a afirmar a sua justa fama nos principaes teatros da Europa e da America, onde tem sido recebida pelo publico com delirantes aplausos.

Inauguração do monumento a Rodrigues Sampaio, em Esposende

O dia 25 de julho do anno passado foi para a vila de Esposende dia festivo, que mais alegrou a risonha povoação, onde o oceano vem espreguiçar suas aguas no branco areal da praia, quando não o impele a furia dos ventos em tormentoso vendaval, levando a tristesa e a miseria á população pescatoria que se estende por S. Bartolomeu do Mar.

Naquelle dia alguns filhos de Esposende iniciavam seu preito de homenagem á memoria de um conterraneo, lançando os fundamentos de um monumento a Antonio Rodrigues Sampaio, que em egual dia e mês do anno de 1806 havia nascido na humilde aldeia de S. Bartolomeu do Mar daquelle concelho.

Então o Occidente dedicou o seu n.º 993 ao principe dos jornalistas portuguêses, cujo centenario de seu nascimento celebrou. Hoje vem registar ontro dia festivo para o povo esposendense como foi o dia 1 deste mês, em que novamente se engalanou a pitoresca vila e o pôvo deu largas a seu regosijo vendo inaugurar o monumento ao glorioso filho daquella terra, que deste modo se nobilita e engrandece.

Aquelle monumento, que tanto honra a memoria do homem a quem é dedicado, como a povoação que o levantou, honra tanto mais os filhos de Esposende que tiveram a iniciativa de tal empreendimento ao vêrem coroados do melhor resultado seu esforço e trabalho para o levar a cabo.

São elles os srs. Xavier Vianna, José de Abreu, João de Freitas, José da Silva Vieira, Alfredo Campos, Alvaro Pinheiro e Alfredo Vianna Lima, que constituiram a comissão executiva. Tiveram, porém, um poderoso auxiliar da sua obra, um outro filho de Esposende o sr. Manoel José Gonçalves Vianna, talentoso professor de desenho e de arquitetura, que fez o projéto do monumento, acomodado aos recursos pecuniarios que se poderiam obter, e que foi incansavel na direção tequenica dos trabalhos até concluidos.

O monumento, como se vê da gravura que publicamos, é modesto, mas bem delineado, formando um conjunto elegante e harmonioso, assentando perfeitamente na pequena praça da vila, denominada de Rodrigues Sampaio.

O busto foi modelado pelo conceituado esculptor sr. José Moreira Rato Junior, e fundido em bronse, na fundição do Arsenal do Exercito, onde tambem foi fundida no mesmo metal a grade que o resguarda.

A inauguração realisou-se com toda a solemnidade e a ella assistiram as autoridades civis e militares da terra, as pessoas de mais distinção do concelho, familia de Rodrigues Sampaio, professores das escolas primarias, e grande concurso de povo, vindo muita gente das cercanias.

Os srs. dr. José de Azevedo Vasquinho, administrador do concelho e José Candido Ramalho, vice-presidente da camara, é que descerraram o busto e as placas, das bandeiras que os encobriam, subindo nessa ocasião ao ar muitas girandolas de foguetes e tocando a filarmonica de Laundos o himno nacional.

O himno de Rodrigues Sampaio, cuja letra é do sr. Alvaro Pinheiro e a musica do sr. João de Freitas, foi cantado por um orfeon de mais de 500 creanças das escolas do concelho sob a regencia do srs. Vianna de Lima e Faria Vilaça, tendo sido ensaiado pelo auctor da musica.

Este numero do programa foi, sem duvida, o mais encantador e ao mesmo tempo commovente. Pronunciou um discurso, apropriado ao acto, o sr. Xavier Vianna, presidente da comissão executiva; e o secretario, sr. José de Abreu, lavrou o auto da inauguração. Para este fim, armou-se um pavilhão, proximo do monumento, o qual estava decorado com muito gosto, vendo-se ao fundo o retrato de Antonio Rodrigues Sampaio, cercado de exemplares de diversos jornaes, como alegoria ao eminente jornalista que ali se glorificava.

O monumento foi entregue á camara municipal, e sabemos que se trata de ajardinar a praça, o que será de grande embelezamento, comtanto que a não vêdem de grades, que as flôres são como tudo que da terra nasce e para a liberdade aspira.

CHAUCER

A sua obra e o seu tempo

Geoffrey Chaucer viveu no seculo XIV. Escreveu muitas obras, mas a mais notavel é a denominada *Canterbury's Tales*. E' uma collecção de contos em verso nos quaes encontramos um monumento da lingua e um monumento da historia. A leitura d'este poeta tem inspirado muitos escriptores posteriores, como Pope e Dryden e nos tempos modernos a el'a teem ido procurar os termos vernaculos os escriptores do seculo XIX como Carlos Lamb, mas ainda nenhum excedeu o escriptor antigo na concisão, pureza e originalidade da linguagem. Disse que a sua obra é um monumento da lingua e da historia, é mais do que isso, Chaucer é o percursor da Renascença com dois seculos d'antecedencia.

Chaucer é a estrella da manhã que despontou no mundo litterario por entre as trevas d'um mundo obscuro como os nevoeiros d'Albion, para annunciar o nascer d'esse sol que veiu illuminar e crear um novo mundo — esse sol é Shakespeare.

Chaucer é a lingua e a historia social do seu tempo.

N'elle se encontra a lingua do seu tempo, a quem

Inauguração do Monumento a Rodrigues Sampaio, em Esposende

O Monumento a Antonio Rodrigues Sampaio, depois da inauguração em 1 do corrente

elle deu corpo; n'ella se encontra a descripção de todos os usos e costumes da mesma epocha.

E', por assim dizer, o pae da lingua.

Havia no seu tempo três dialetos que entre si disputavam a primazia, o de Essex, Sunex, e Midland. Foi este o que prevaleceu, porque foi n'este que Chaucer nos legou aquelles admiraveis contos, onde encontramos já renascida a mythologia grega e romana, frequentes allusões á philosophia de Aristoteles e tudo de envolta com o ideal christão e com uma certa graça e até com uma malicia innocente e uma admiravel candura e ingenuidade.

Depois da batalha de Hastings vieram os tempos calamitosos da Conquista.

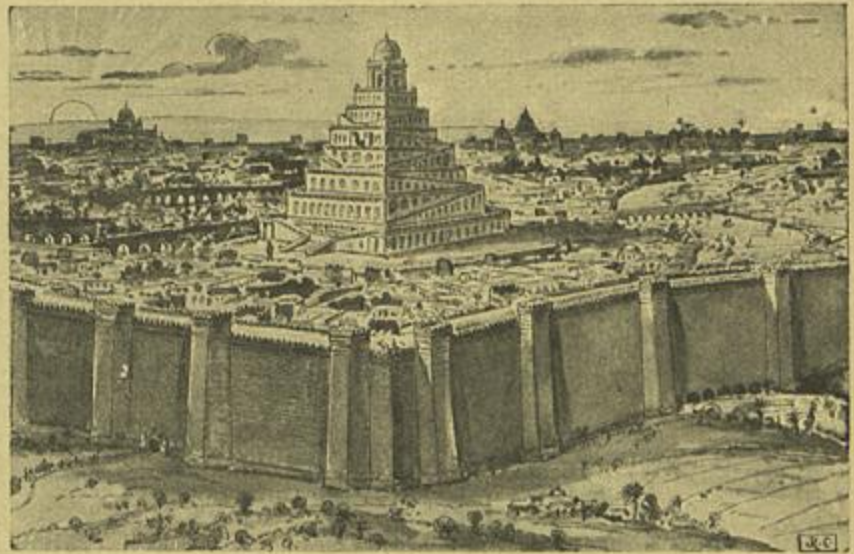
Saxões e Normandos nunca se harmonisaram nas leis, usos, costumes e linguagem: as classes nobres, a mesma côrte, o clero usava a lingua dos Normandos, e de maneira nenhuma queria que ella se confundisse com a lingua do povo que tinha ficado fiel ao Anglo-Saxão, mas Chaucer, escrevendo n'esta lingua fez que ella prevalecesse sobre a dos altivos fidalgos normandos, a qual por fim veiu a ser banida da côrte e das mesmas leis no tempo de Eduardo, o Confessor.

Por aqui se avalia a importancia que teve para a lingua a obra de Chaucer. Aqui naturalmente surge a questão: a lingua de Chaucer é ingleza ou necessita ser traduzida? E' tão ingleza, como portugueza é a de Fernão Lopes. A não ser a desinencia dos verbos em *en*, que conservou do antigo saxão, alguns pluraes em *en* e alguma differença de orthographia, a lingua de Chaucer é ingleza. Usa as mesmas preposições e conjuncções, os mesmos pronomes, e já não se acham casos em Chaucer, a não ser o genitivo, como no inglez moderno.

Não é necessario traduzir Chaucer para inglez moderno afim de o entender. Pelo que diz respeito á historia dos usos e costumes, temos n'elle um espelho notavel da vida da edade media, porque entre as suas personagens encontramos o cavalleiro, o escudeiro, o negociante, o fidalgo d'aldeia, o artifice, o frade, a freira, o marinheiro, o official de diligencias, etc., uma descripção dos vestuarios da epocha, o modo de vida de cada classe social e cada um d'estes typos conta uma historia, durante a peregrinação para o sanctuario de S. Thomaz de Canterbury, ou á noite quando chegam á estalagem e se encontram reunidos á lareira. Encontramos aqui uma descripção das estalagens que não foi por certo desconhecida de Lord Macauley na sua monumental historia economica de Inglaterra, uma pintura da vida d'aquella epocha que o poeta faz reviver com notavel brilho. Eis os dois aspectos

O orfeon de 500 creanças das escolas do concelho de Esposende, na inauguração do monumento
(Fotografias enviadas pelo sr. João de Freitas)

Arte Antiga

As Estatuas Gigantescas de Memnon (Egypto)

Aspecto de Babylonia (composição)

Templo de Isis na ilha Philae do Nilo (Egypto)

Ruinas do templo dorico de Neptuno em Pestum (Italia)

A Grande Esphinge e as Pyramides em Gizeh (Cairo-Egypto)

A encruzilhada Fortunata nas ruinas de Pompeia (Italia)

(Gravuras extraídas do livro Elementos de Historia da Arte — Bibliotheca de Instrução Profissional)

sob os quaes considero Chaucer, escriptor e historiador.

E' preciso tambem consideral-o como poeta.

Perdõem-me os admiradores de Shakespeare! Chaucer foi propriamente quem creou o drama moderno. Todos os seus contos são verdadeiras tragedias ou comedias e para o serem só lhe falta terem a fórma do drama, de maneira que seja adaptado á scena. Não ha nada mais tragico do que a historia da pobre Griselda, nada mais comico do que a historia d'aquelle velho que pede aos seus amigos que lhe procurem uma mulher para casar e que seja nova, ahi pelos seus vinte.

Os contos de Chaucer certamente não são dramas, porque não teem essa fórma, nem a podiam ter, porque no seu tempo o theatro estava nas egrejas, e o assumpto era tirado da Biblia. Mas é novo nas pessoas que n'elle figuram.

GEOFFREY CHAUCER

Foi Chaucer o primeiro escriptor que, á maneira de Bocacio, procurou no povo o assumpto dos seus contos. Isto não empana a gloria de Shakespeare, como o brilho da estrella da manhã, não prejudica o brilho solar. Por mais que queira vêr em Shakespeare o dramaturgo, onde quer que o abra, apparece-me sempre o philosopho, sempre o analysta que tanta luz derramou no conhecimento dos homens. Chaucer foi inspirador dos lyricos do seculo XIX, já nos modernos vocabulos da lingua, já no ideal da natureza que foi cultivado com tanto primor pelos da escola do lago.

Pelo meado do seculo XVIII a poesia cahiu no ultimo grau a que podia descer com Thomson, arrastada por Pope e Dryden e n'aquelle pouco mais vale do que a prosa Foi o resultado da disciplina ferrea de Pope e do seu formalismo elegante. Tão depressa a poesia se encontrou com Pope nos salões luxuosos de Londres, tão depressa cahiu.

Foi então necessario leval-a para os campos guiada pela mão de Cowper e Southey, isto é, foi necessario voltar pelo caminho traçado por Chaucer. Shakespeare está dentro do coração do homem como Chaucer está no seio da grande e generosa natureza; ambos elles alli dominam, mas cada um em seu campo, eis a differença que encontro nos dois.

Além d'isso, Chaucer foi o creador d'esse genero litterario que tão enriquecido tem sido na terra dos temperamentos frios e fleugmaticos — o genero humoristico. Como Chaucer colloca os seus personagens em situação critica e difficel e sem zombar d'elles, como os entalla, a cada passo, entre situações duras! E' necessario contar algumas passagens para dar uma idéa d'este escriptor eximio que se adeantou dois seculos á Renascença. Um gallo contou a uma gallinha que tivera um sonho pavoroso que o fez despertar com susto. Esta teve grande despreso pelo seu companheiro, porque (diz elle) a qualidade que as mulheres mais apreciam no homem é a coragem e aconselhou-o a que tomasse uma purga logo de manhã com uma herva que ella lhe procuraria. Mais. Um rapaz apaixonou-se por uma mulher casada cujo marido tinha ido para alem do mar e ella impôz-lhe, como condição de o amar, que havia de fazer desapparecer os rochedos da costa onde tantos navios se iam quebrar. E ahi vae o rapaz, doente d'amores, procurar um sabio, um alchimista que lhe fizesse isso e este taes calculos fez que lá o convenceu que os rochedos tinham desapparecido.

Não esqueça dizer que o sabio recebeu-o bem em casa para lhe apanhar uma boa esportula. Aqui ha o maravilhoso popular que se encontra nas composições chamadas folklore, mas isto não obsta a que alli esteja tambem o drama.

E Sheakspeare não se baseou tambem nas lendas populares? O que é o *Rei Lear*, o *Hamlet*, *Macbeth* e outras immortaes tragedias senão lendas populares que o auctor recebeu e pagou com usura? O mesmo Lord Byron, moderno como é, não está isento de ir receber á lenda os elementos d'alguns dos seus poemas como o *Prisioneiro de Chillon*, *Mazeppa* e *Monfredo*.

O drama estará sempre no povo; o drama e o romance. Walter Scott viu todas as lendas referidas nos castellos da sua terra, que tinham sido theatro de luctas entre saxões e normandos, Sehiller recebeu do povo o assumpto das suas balladas e Goethe necessitou afastar-se da roda dos seus amigos de Weimar e refugiar-se n'uma aldea para escrever a sua monumental obra o *Fausto*.

Mas voltando ao eximio contador, ninguem o excedeu na singeleza da narração, na espontaneidade da graça, no brilho e colorido do estylo e na precisão da linguagem — d'essa lingua que elle fixou, ainda que com muitos gallicismos, que elle opulentou com a riqueza d'expressões populares. N'elle encontramos o maravilhoso da mythologia a par do ideal christão, a Renascença começou n'este escriptor que imitou e excedeu Bocacio e que só tem um rival em Walter Scott quando se procura a animação da linguagem, o interesse da narração, e n'isto o moderno romancista, é inegualavel e inimitavel.

Mas sendo tal a importancia da obra de Chaucer para a historia e sobretudo para a lingua é natural perguntar como elle é tão pouco conhecido, mesmo dos inglezes.

E' que a sua linguagem é antiga, e posta em inglez moderno perde a graça e o vigor. Entretanto elle é lido nas escolas e, se elle não é tão conhecido como Shakespeare, é isto devido a que as obras do primeiro não se representam.

Eis uma breve noticia d'este escriptor que merece ser lido e no proximo numero apresentarei um dos seus contos para d'elle se formar idéa. Agora o que é muito notavel é que, vivendo elle dois seculos antes de Shakespeare, se saibam todos os permenores da sua vida, como vivia, em que se ocupava, que fato usava e até que sapatos trazia e de Shakespeare não se saiba quasi nada, por mais que se tenha investigado. Este assombro de erudição não se sabe onde elle a adquiriu; este genio perscrutador não se patenteou nas escolas, assombro e tambem mysterio até hoje, salvo a lenda moderna do Baconianos. Ao passo que a biographia de Chaucer é perfeitamente conhecida.

Ha duas epopeas na Inglaterra, como ha dois campos onde com mais intensidade se manifesta a vida do povo inglez — a casa, o lar, o seu caracteristico *home* e os mares. O poema epico nacional que traduz a primeira é a obra de Chaucer — os contos da lareira na estalagem dos romeiros; a segunda, aquella que traduz o genio cosmopolita dos inglezes, é Robinson Crusoe. Da obra *Piligrim's Progres*, que até hoje tem sido a mais lida na Inglaterra, e do *Paraizo Perdido* não fallamos, porque essas não teem interesse nacional, traduzem o pensamento religioso do povo inglez e commum a todos os povos christãos. São a epopéa d'um povo christão, de toda a christandade, mas não a epopéa da familia e da forte e caracteristica individualidade do inglez, com o seu amor d'aventuras e com o seu egoismo.

A obra de Chaucer é uma imitação de *Bocacio*, nos seus contos não ha um do qual não derive uma lição de moral. Por isso o seu alcance e valor é maior do que o da obra de Bocacio. Alli encontramos os usos, costumes e instituições da cavallaria, usos, costumes e crenças religiosas, a vida dos campos e a das cidades, o estudo das sciencias d'aquella epoca — a alchimia inclusivé. Chaucer, emfim, retrata uma epocha e é o espelho d'ella; o que Froissart foi para a cavallaria, foi Chaucer para a vida do povo inglez. Não foi Shakespeare o primeiro que na Inglaterra fez das differentes classes populares as personagens das novellas, essa gloria pertence a Chaucer, e nas suas obras entram as pessoas mais desencontradas da sociedade, desde o cavalleiro até ao vendedor de bullas, desde o parocho da aldea até ao doutorado em Oxeford. Mais: no seculo XIV já se tinha perdido toda a lembrança da antiguidade classica, e foi então que Chaucer trouxe esses tesouros á luz muito antes da Renascença. Chaucer é por assim dizer o fundador da litteratura ingleza. Spencer diz-nos como bebeu n'aquella «fonte de puro inglez»; Shakespeare imitou-o na sua peça *Merry Wives of Windsor* e deve-lhe a peça inteira *Troilus and Cressida*.

Milton deseja:

> *To call up him who left half told*
> *The story of Cambuscan bold.*

MIGUEL JOSÉ RODRIGUES.

Bibliotheca de Instrucção Profissional

Elementos de Historia da Arte

VOL. I

Arte antiga

Está publicado o referido volume da obra indicada, sendo o seu texto e as numerosas ilustrações que o acompanham, de João Ribeiro Christino da Silva, pintor e professor de desenho na Escola Industrial de Alcantara.

Arte Antiga, abrange 110 paginas, achando-se distribuida a respétiva materia por seis capitulos de exposição clara e agradavel.

O autôr numa especie de introito, precedendo o capitulo primeiro, anuncia assim:

«I volume — *Arte Antiga*: Tratará das manifestações artisticas dos antigos egypcios, assyrios, chaldeus, persas, phenicios, hebreus, pelásgios, gregos, etruscos e romanos, tanto nas suas grandes obras de arte, como dos respétivos ornamentos que empregavam.»

Tratando da origem do desenho, conta o autôr a seguinte lenda, que, para os menos versados em questões d'arte, será curioso saber.

«Uma graciosa lenda da antiga Grecia conta que DIBUTADE, uma joven grega de Sycione, de quem seu namorado se apartava para longes terras, reparou que a luz de uma lampada illuminando o perfil do seu amado lhe reproduzia na parede a sombra, conhecendo se-lhe assim as feições; com um carvão foi a joven traçando o limite d'essa projecção de sombra e obteve um lineamento que, mais tarde lhe recordaria o ente querido durante a dilatada ausencia. Estava por este modo achado o contorno, a linha com que se define a fórma exterior dos sêres, das cousas; mais tarde, seguindo o descobrimento, outros gregos aperfeiçoaram aquelle rudimento linear fundando o desenho, base fundamental das Bellas Artes que são: a Architetura, a Esculptura e a Pintura, tambem chamadas Artes maiores.»

No ponto de vista duma bibliotéca de instrução profissional, o texto corresponde na realidade ás linhas que acabo de transcrever do prefacio, e parece-me suficiente para ministrar aos leitores o conhecimento geral do modo de ser, no campo es-

A INVENÇÃO DO DESENHO

pecial em fóco, daquêles povos justamente celebrados nos rejistos da Historia Universal.

A este volume devem seguir mais tres — *Arte Mediéval* — *Arte na Renascênça* — *Arte Moderna* — os quaes juntamente com *Arte Antiga*, constituirão um trabalho completo no genero, de que havia absoluta carencia em Portugal.

Textos bem resumidos e postos em evidencia pela estampa luminosa, instruem bastante e poupam com vantajem pesquizas e investigações nem sempre felizes em obras de maior fôlego.

J. R. Christino da Silva

Arte Antiga, é um ótimo guia e revela vasta erudição na pessoa de Christino da Silva, com quem por mais de uma vez me tenho encontrado na redação desta revista e que me afirmam ser um trabalhador infatigavel.

Até agora só conhecia algumas das suas produções artisticas e ignorava que tambem se dedicasse a composições literarias, dentro da sua orientação profissional.

A prosa não lhe deprime o conceito formado, e para rediji-la soube haver-se com fontes seguras, citadas no texto mais ou menos.

Oxalá não se deparem estorvos á regular continuidade na publicação da obra, que, depois de concluida, se aproprositará lejitimamente em todas as bibliotécas.

Pena é que o nosso povo ainda esteja muito longe de tirar proveito de leituras da natureza daquéla que proporcionam os *Elementos de Historia da Arte*.

Infelizmente, o analfabetismo continúa a imperar com singular arregânho e a falta de educação é deveras estupênda.

D. Francisco de Noronha.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XII

(Continuado do n.º 1040)

Da opulenta herança fez-se efectivamente o inventario em 1 de fevereiro de 1705, tratando-se ao mesmo tempo de proceder á venda da quasi totalidade dos objectos de que elle constava.

No livro original guardado na Torre do Tombo póde ver-se mais minuciosamente, do que é mister aqui relatar-se, a importancia da testamentaria.

1.ª — Alfaias de casa, roupas brancas, de vestuario e de mêsa, vestidos, peças de veludo e outras fazendas, vendidas por, réis..... 5:397:300;

2.ª — Relogios, caixas de tabaco, botões de oiro, arcas, escrevaninhas, cabos de bastão, varas de fita, peças de ló, prata e oiro em bruto, cofres, alfinetes, aneis, salvas e outras miudesas vendidas por, réis.......................... 3:217:267;

3.ª — Quarenta e dois cavalos, dezenove mulas, sete machos, dois burros, vinte e quatro sélas diferentes, um coche, três liteiras, um carro, correias, telizes e outros acessórios, vendidos por réis.................................. 4:455:100;

4.ª — Tapeçarias de arrás, entre as quaes uma, em doze panos, com a historia de Eneas e outra, em dezeseis com a de Moisés, afóra outras com assumptos guerreiros, pastoris e venatorios, vendidas por, réis................... 7:876:325;

5.ª — Tendas de campanha, espadas, punhaes, adagas, pistolas e pistolêtes vendidas por réis..... .... 866:730;

6.ª — Estanho e objectos de cozinha vendidos por, réis .... 2:330:3 o;

7.ª — Prata (1) lavrada vendida a el-rei D. Pedro 2.º por, reis......................... 32:143:928;

8.ª — Seiscentas esmeraldas, novecentos berilos, duas mil perolas, mil e tresentos diamantes afóra safiras, crisólitas, ametistas, crisoprásos e outras joias em numero consideravel, vendidas ao arquiduque Carlos por (2) réis.. .... 54:777:900;

9.ª — Trinta telas de Ticiano, nove de Corrégio, três de Rafael, uma de Perusino, duas de Miguel Angelo Ramarata (?), três de Brugáro, duas de Julio Cejas, vinte e seis de Van-Dick, trinta e quatro de Tintureto, vinte e duas de Rubens, uma de Alberto Duri (?), cinco de Paulo Veronése, vinte e seis de Bassano, três de Giordano e muitas outras de autores de menor renome (3) vendidas ao mesmo por, réis.................. 40.000:000;

10.ª — Outros objectos diferentes, vendidos posteriormente ás verbas supra, que estavam em poder de Casnedi, réis................ 4:614:100;

o que produz um total em metal sonante, de réis 155:668:960, o qual, junto ao dinheiro em moeda, encontrado no espolio do almirante, prefaz a somma de 226:907:818 réis, que foi o *quantum* recebido, até 1709, pelo administrador da testamentaria.

Quinze annos depois, em 1724, a receita acusada pelo livro das contas, tinha ascendido á bonita soma de 697:401:769 réis. Desse dinheiro, porém, apenas Casnedi, possuia a ridicula quantia de réis 9:316:223. Cêrca de 700 contos se tinham dispendido ou perdido. Como elles se sumiram sem proveito para a desejada fundação do almirante é o que vamos apurar. (4)

*

As despezas do funeral do almirante, os gastos com os seus criados, os pagamentos de legados e de algumas dividas e outras despesas miudas, fizeram-se com pouco mais de seis contos de réis, mas o peor foi o resto.

Quando o almirante enfermou um religioso seu parente mandou chamar o principe Antonio de Liechtenstein, a quem o Imperador cometêra o governo de seu filho Carlos neste negocio da sucessão á corôa de Espanha, e logo um emissario do pretendente apareceu em Estremoz, com ordem para fechar com o sinete real, todos os papeis, documentos e objectos particulares do almirante. Foi por este modo que desapareceu a sua correspondencia politica, na qual avultavam cartas do Imperador, da Imperatriz, da rainha de Inglaterra, dos reis de Fez e de Marrocos e de outros soberanos. Tudo isto tivera por fim, apoderar-se o pretendente de uma carta da rainha de Inglaterra em que relevava ao almirante a fiança que elle oferecera sobre o empresttmo de trezentas mil patacas feito a Carlos 3.º, para as despezas da guerra. Ahi é que estava o segredo da aprehensão dos papeis e tanto assim que, quinze dias depois o embaixador inglês apresentava a Casnedi a obrigação do pagamento daquella quantia, sem sequer aludir á carta com que a testamentaria já não podia defender-se.

Casnedi ficou assombrado e foi logo comunicar tal noticia ao padre Cienfuegos, em que cegamente confiava. Ora Cienfuegos estava ao facto das pouco licitas tenções do pretendente e, com nova surpreza do confessor do almirante, tomou o partido do Embaixador. Foi-se este, já receoso de novas desilusões, ter com o enviado olandês, que logo lhe deu toda a razão e lhe declarou ter lido muita vez a carta sonegada; mas isso de pouco lhe valia e Casnedi ver-se-ia obrigado a dar essa sangria na herança, confiada á sua guarda, se uma carta da rainha não ordenasse ao seu embaixador o mais absoluto silencio sobre o caso.

*

Acabadas as ultimas ceremonias do funeral, veio Casnedi para Lisboa apresentar conta de tudo ao rei Carlos, como era expresso no testamento, e, naturalmente, pedir algumas explicações com referencia a uma ordem que recebera, do principe Antonio, antes da abertura delle para enviar-lhe imediatamente oitenta mil patacas e todas as demais quantias que fossem precisas, sem nada descobrir aos padres portuguêses que tambem superitendiam na administração dos bens do almirante.

Cienfuegos que estava do lado do pretendente auxiliando os seus projectos, recebeu tambem uma carta identica, para fingir, aos olhos de Casnedi, a sua nobre isenção. Um patife de primeira plana!

A resposta de Casnedi foi que não roubava a testamentaria, nem podia nem devia esconder tal coisa dos padres portuguêses. Cienfuegos não respondeu sobre este assumpto e, vendo que assim nada se conseguia, mudou de táctica, dizendo ao principe que lhe constava querer o rei de Portugal tomar para si todo aquelle dinheiro, accrescentando que Casnedi lhe era suspeito de infiel *e que a testamentaria era nulla por clausula torpe que nella tinha*.

Este fraseado é delle. Que santo varão!

Casnedi viu então, bem claramente, o perigo em que se achava de perder tudo se não desse alguma coisa para contentar o ambicioso rei Carlos, que nessa ocasião estava de partida e, com bastante custo, lá esportulou sessenta mil patacas. O piedoso monárca ao ser entregue da grossa maquia, como o confessor do almirante lhe dissesse que o testamento, assim desfalcado, era para uma obra de grande piedade, chorou de comoção — e comprometeu-se a ajudar a fundação no limite do seu préstimo. Excelente pessôa era este principe!

Quem fez a escritura do emprestimo foi Cienfuegos que para favorecer o pretendente não falou em juros nem sequer em condições de pagamento. O resultado desta amabilidade do jesuita foi a testamentaria nunca mais ver o dinheiro. Até Casnedi sossobrou nesta desvergonha toda. Pediu-se lhe para não dizer nada aos testamenteiros portuguêses... e elle nada disse.

(Continúa.)

G. de Matos Sequeira.

(1) Só o serviço de mêsa, mandado lavrar na Olanda, estava avaliado em 20:000 patacas.

(2) Historia do noviciado da Companhia de Jesus, sob o titulo *Imagem da Virtude*, pelo padre Antonio Franco — Mss B — 12-33 da Biblioteca Nacional — Paginas 114 e seguintes.

(3) A Rainha de Inglaterra e alguns olandêses, grandes colecionadores de quadros, fizeram altas diligencias para comprar muitas destas telas — Nada conseguiram porem. Carlos 3º ficou de posse de todas.

(4) Livro 52 da coleção do Ministerio de Instrução Publica, já citado

O MEZ METEOROLOGICO

Novembro 1907

Barometro — Maxima 769mm.1 em 25.
» Minima 744mm,5 em 5.
Thermometro — Maxima 17º,4 em 2.
» Minima 8º,8 em 15.

A temperatura durante o mez foi muito egual, havendo a notar que a maxima thermometrica foi a mais baixa que se conhece em Novembro.

Chuva 213mm,5 em 15 dias, a maior quantidade qne se tem observado desde 1876. (Em 1876 — 251mm,1), isto é, ha 21 annos os dias de chuva superiores a 10 millimetros foram: Em 1, 11,0; em 4, 23,7; em 5, 32,5; em 6, 15,6; em 7, 32,3; em 26, 17,9; em 27, 24,0; e em 28, 15,3.

Nebulosidade. — Ceu limpo ou pouco nublado 11 dias.
» Nublado 13 dias
» Encoberto 6 dias.
Vento dominante — Entre SE e SW.
Relampagos — Em 8.
Trovoadas — Em 1 e 7.
Nevoeiros — Em 23, 25 e 28.

Canto de Ruominim e **Sobre o Mandovi.** São estes os titulos de duas valsas para piano, por Carlos Eugenio Ferreira, de Nova Gôa. Duas inspiradas composições musicaes sobre motivos indianos, de uma doce e suave melopeia, grata ao ouvido que muito nos agradou ao ouvil-as tocar.

Annuario do Territorio de Manica e Sofala. — Deve apparecer á venda nos principios do proximo anno, o *Annuario do Territorio de Manica e Sofala*, collaborado pelo sr. João Barreiros, arquivista geral da Companhia de Moçambique.

Esta esplendida publicação entra no 2.º anno da sua existencia e as referencias feitas pela imprensa quando, no corrente anno appareceu á venda no

mercado, honram o seu autôr — porque o livro é, na realidade util, não só para o territorio, como para aquelles que se interessem por assumptos coloniaes.

O Colonial — E' este o titulo de um semanario que ora nos visitou, fundado pelo sr. Prazeres da Costa, que ha pouco regressou de Paris, onde completou sua educação literaria com notavel distinção. O sr. Prazeres da Costa é um filho da India, com natural amor ao sen torrão e a tudo que interesse as colonias de Portugal, e por isso dedicou o seu semanario a defender os interesses das provincias ultramarinas.

E', pois, mais um campião clamando pelos progressos do nosso imperio colonial.

Bem haja.

Bilhetes Postaes Illustrados de Evora. — Pelo sr. Victor Vilhava, de Evora, tem sido editados uns bilhetes postaes ilustrados com lindas reproducções dos monumentos e vistas de Evora, a cidade que mais interesse oferece aos visitantes amantes da historia e da arqueologia, como é sabido. Na escolha feita pelo sr. Victor Vilhalva, ha arte e gosto, como podémos apreciar pela coleção que nos ofereceu, e que muito agradecemos.

Arte Antiga

Pantheon de Agrippa, em Roma

Ruinas do Pantheon na acropole de Athenas (Grecia)

Uma galeria das catacumbas de Roma

Gravuras extraidas do livro Elementos de Historia da Arte — Bibliotheca de Instrucção profissional

Os Lusiadas, *para as escolas e para o povo. Obra prefaciada, parafrasiada, anotada e com um vocabulario, por José Agostinho. Canto I. 1907, Porto, Livraria Figueirinhas.* Um vol. de 147 paginas. Preço 150 réis.

Este volume destinado a vulgarisar-se entre o povo, que do seu epico mal conhece um ou outro verso, é precedido de um estudo ácerca dos *Lusiadas* e de Camões, pelo sr. José Agostinho, bom cultor das letras, erudito e talentoso publicista.

Louvando o empreendimento que tanto póde concorrer para ilustrar os estudantes como o povo, notaremos comtudo que nesta edição parece não se ter seguido verdadeiramente a classica, e antes outras edições modernisadas, que alteram bastante a puresa do original, com formulas de linguagem que não são dos tempos do poeta. Este reparo nos mereceu o livro, por destinado ás escolas e por isso convir conservar o classicismo tanto quanto é compativel com a nossa epoca.

A' parte esta, talvez, nossa caturrisse, achamos o trabalho do sr José Agostinho, de subido valor pelo qual não lhe regateamos nossos applausos.